

## O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA: UMA VISÃO FEMININO-LITERÁRIA DA CULTURA CELTA NO MUNDO GLOBALIZADO

Luciana de Campos  
UNESP/São José do Rio Preto/SP

A história dos amantes que, de tanto amor, morreram de tanto amar, representados na versão francesa de **Tristão e Isolda** do século XII escrita por Béroul, nos apresenta elementos importantes da cultura celta e da relevância do papel da mulher nesta mesma sociedade.

Hoje, nos anos iniciais do século XXI, vivendo em um mundo globalizado assistimos ao “renascer” dos estudos de muitas culturas, entre elas, a celta.

**Tristão e Isolda** é a base para elaborarmos uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade celta e, com “olhar globalizado”, revisitá-lo.

*“Mais profundo é o coração das mulheres; mais profundo que o mais profundo mar do mundo”*  
(Provérbio Bretão da Ilha de Batz)

A narrativa de **Tristão e Isolda**, a versão francesa do século XII escrita por Béroul e que encantou a sociedade medieval envolta nas regras da cortesia, ainda hoje exerce fascínio sobre os leitores e desperta os interesses dos pesquisadores.

**Tristão e Isolda** é, segundo alguns críticos literários a matriz das histórias de amor do ocidente e, ao lado das narrativas arturianas e das cantigas trovadorescas constituem um dos pilares da literatura ocidental.

A importância dessa obra é fundamental para compreendermos não só a história literária mas, entendermos todo o conteúdo sócio-histórico-cultural que está embutido na obra.

A narrativa elaborada por Béroul foi inspirada no mito celta do amor que só é possível se concretizar com a morte dos amantes, como podemos comprovar em vários mitos celtas: o de Deindre, por exemplo, que vendo o seu amado perseguido e morto atira sua cabeça várias vezes contra um rochedo até morrer e assim, ser feliz no pós-morte.

A felicidade encontrada na morte é tema recorrente em toda a literatura ocidental e desperta a necessidade de todo ser humano: ser feliz antes de vislumbrar a morte.

Essa versão de **Tristão e Isolda** (não podemos esquecer das versões de Thomas de Inglaterra, contemporâneo de Béroul, de Gottfried de Estrasburgo no século XIII e de Joseph Bédier nos anos finais do século XIX) que é objeto de análise na nossa pesquisa de doutorado, nos traz informações importantes acerca da cultura celta e, principalmente, da relevância da mulher nessa sociedade. A mulher celta – mesmo essa que está representada na obra de Béroul quando, somente resquícios da sociedade sobreviviam – é um modelo feminino que diferia muito do modelo estabelecido pela Igreja e pela sociedade patriarcal da Idade Média.

A sociedade celta delegava à mulher um papel de suma importância. As mulheres detém o ciclo da natureza em seus corpos, são elas que dão à luz aos homens e mulheres e para os celtas, a mulher é a própria encarnação da divindade.

Intimamente ligados à Natureza os celtas embora fossem um povo guerreiro foram exímios compositores (os bardos foram os responsáveis por comporem baladas que contavam a história do povo, as suas conquistas, as aventuras dos deuses e o amor!) e poetas capazes de sintetizar em suas composições a beleza de suas terras e as paixões humanas com graça singular.

Cantar a mulher e a sua importância era natural para os celtas.

Em **Tristão e Isolda** conseguimos observar como a mulher recebe uma descrição e uma adjetivação que não é comum à literatura da época quando a mulher era descrita como “um mal necessário”.

Isolda é descrita como hábil. Mas, essa habilidade não é vista por Béroul como algo prejudicial e sim com o desenvolvimento de estratégias para beneficiar o amor e a vida dos jovens amantes. Assim Béroul descreve Isolda e seus ardis:

*Écoutez comme Yseut est habile! Elle savait bien qu'on la regardait de l'outre côté du Mal Pas. Elle s'est approchée de son palefroi, elle a pris les languettes de la housse et les a nouées sus les*

*arçons. Aucun écuyer, aucun valet n'aurait fait mieux pour éviter la boue en les courroies sous la selle, enlève le poitrail et le fien du cheval. Elle tient sa robe d'une main et de l'autre son fouet. Arrivée au gué avec le palefroi, elle le frappe de son fouet, et le cheval traverse le marécage.*

*La reine est attentivement observée par ceux qui se trouvent de l'autre côté. Les deux illustres rois l'admirent. Ainsi que tous les autres spectateurs. La reine a des vêtements de soie qui viennent de Bagdad. Ils sont fourrés de blanche hermine. Son manteau et sa tunique ont une traîne. Sur ses épaules descendent ses cheveux tressés de rubans de lin avec des fils d'or. Sur la tête, une couronne d'or qui l'encercle entièrement. Son visage a un teint frais avec des nuances de rose et blanc. C'est ainsi qu'elle se dirige vers le passage en planches. Elle dit au lépreux: - "J'ai besoin de toi pour faire quelque chose. – Noble reine de haute naissance, à tes ordres, sans mauvaise excuse, mais je ne vois pas ce que tu veux dire. . – Je ne veux pas souiller mes vêtements. Tu me serviras d'âne pour me porter doucement sur les planches. – Holà, là! dit-il, noble reine, ne me faites pas une pareille requête! Je suis lépreux, boutonnu, infirme. – Vite, dit-elle, mets-moi en position! As-tu peur que j'attrape ta maladie? Ne crains, rien, ce ne sera pas le cas! – Ah! Dieu! fait-il, de quoi s'agit-il? En tout cas, je ne m'ennuie pas en lui parlant." Il s'appuie davantage sur sa béquille. " Dis-moi, lépreux, tu es bien gros! Tourne ton visage par là et ton dos par ici. Je vais te monter comme un homme." Cela fait sourire le malade, qui lui tend le dos, et elle l'enfourche. Et tout le monde regarde, rois et comtes. Elle serre ses cuisses sur la béquille. Il lève un pied, mais autre cloche; à plusieurs reprises il fait mine de tomber, en ayant l'air de souffrir. Yseut la belle est à califourchon, une jambe d'un côté, l'autre de l'autre. Les gens se disent: "Regardez donc..... (BÉROUL, 1995, pp. 156 – 158)*

Toda essa astúcia de Isolda para livrar-se das acusações e poder inocentar-se faz parte das suas estratégias de sobrevivência em duas esferas. A primeira, a masculina que quer a todo custo incrimina-la por tentar subverter a ordem estabelecida e, a segunda, a própria cultura cristã que colocava a mulher em situação de inferioridade o que não acontecia na sociedade celta.

Essa “insubmissão” de Isolda é descrita como a necessidade de preservação de uma cultura genuinamente feminina como podemos constatar pelas palavras de Ria Lemaire:

*Nas comunidades tradicionais européias, havia duas culturas diferenciadas, que tinham por base a divisão econômica de trabalho entre os sexos: a cultura dos homens e a cultura das mulheres. Os universos culturais dos homens e das mulheres desenvolveram-se num patamar de igualdade, mas em duas linhas diversas, cada sexo possuindo seu próprio tipo de saber tradicional, suas próprias formas de lidar com o amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais e até suas próprias formas de dançar e cantar. As tradições das mulheres eram geralmente mais ricas e diversificadas que a dos homens. Apesar das exceções, podemos afirmar que, no conjunto, as tradições masculinas desenvolveram-se n alinha da narrativa épica. Suas danças eram freqüentemente caracterizadas por um tipo de performance “heróica” e espetacular, enquanto as mulheres criavam seus gêneros na linha da narrativa lírica, adaptando as danças aos sentimentos que desejavam expressar.*(LEMAIRE, 1994, p. 63).

A crítica feminina nos dá uma mostra de como a mulher tem o seu papel reavaliado e nos empresta uma outra visão da vida das mulheres, do seu papel e de como a literatura documentou todas essas transformações.

Em seu livro **La femme celte** Jean Markale nos apresenta informações importantes a respeito da mulher celta.

Tomando Isolda como modelo Markale nos mostra que

*Ainsi la structure de l'histoire de Tristan et Yseut devient très simple, pour peu qu'on veuille la considérer comme le vestige d'un culte solaire féminin. Yseut (ou Essyllt, il est impossible de savoir quel est le nom originel, ni sa signification) est la Femme-Soleil. Mark (ou March, nom qui signifie "cheval") est celui qui entraîne le soleil sans la Nuit, et qui fait attendre la renaissance du Soleil: c'est le conducteur du char du soleil, rôle normal pour le dieu-cheval qu'il est à l'origine. Tout cela est le développement littéraire de l'objet rituel de l'Age du Bronze, le chariot solaire. Quant à Tristan, don't le nom d'origine picte (et brittonique) Drustanos peut signifier "force du feu", el est le zélateur de cette religion solaire, celui qui prend sa force au feu du soleil: el est l'adepte d'Yseut, déesse solaire, et veut donc la ravir à Mark qui la maintient trop longtemps dans la nuit. (MARKALE, 1976, p. 353).*

É essa mulher-sol que ilumina e dá vida que toma as decisões, que não se intimida diante do ferro em brasa nem desiste de lutar pelo seu amante que, tanto Béroul no seu texto literário como Markale em seu estudo sócio-cultural nos mostram a mulher celta.

A mulher que se torna visível aos olhos dos leitores e que também deu visibilidade à cultura celta que devido à perseguição cristã, desaparecia.

A cultura celta sobreviveu aos cristãos, a invasão de Guilherme o Conquistador e, principalmente aos ingleses que no século XIX obrigaram os irlandeses a deixarem seus lares e imigrarem. O gaélico foi proibido e só em 1916 voltou a ser ensinado nas escolas.

Todos esses dados de dominação e tentativa de extermínio de toda uma sociedade e cultura nos remetem a uma reflexão mais profunda do papel da mulher celta.

Para os celtas a palavra falada era mais importante que a palavra escrita por essa razão eles não relatavam sua história pela escrita. Tudo o que sabemos é pela visão de terceiros. Júlio César fez uma descrição muito interessante dos celtas em **De bello gallico, A Guerra Gálica**.

As mulheres celtas eram detentoras da palavra dos costumes e da história do povo. Para uma sociedade que enxergava a mulher como introdutora do pecado no mundo como sugere o monge Godofredo de Valdonia no século XIV:

*"Este sexo envenenou o nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Baptista, entregou o corajoso Sansão à morte. De uma certa maneira, também, matou o Salvador, porque, se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há nem temor, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado." (GODOFREDO DE VALDONIA, PL 157. col. 168, 1994, p. 34)*

A visão cristã das mulheres é incompatível com a visão celta que enxerga a mulher como o Sol e a fonte de vida. É essa visão de visibilidade e reconhecimento que pretendemos explicitar com a nossa análise de **Tristão e Isolda**.

A cultura celta que durante séculos permaneceu esquecida e que por pouco não pereceu atualmente assiste a um “revival”

Com o “advento” da globalização que, no nosso ponto de vista é mais excludente e cruel do que podemos perceber houve um “renascer de muitas culturas.”

A música celta (tanto a de boa qualidade como a puramente comercial) invadiu as lojas de discos na onda “New Age”. Atualmente a música de expressão celta cantada em gaélico é um dos movimentos culturais mais notados e divulgados.

Com o renascimento dessa música também redescobrimos a literatura que foi inspirada nos celtas. Talvez esse seja o único lucro da globalização.

Em um mundo globalizado onde o ser humano sofre uma desvalorização terrível, muitas vezes observamos esse tratamento e o comparamos as taxas de variações cambiais. O ser humano é tratado como “moeda” de pouco valor. Triste mundo triste esse...

E, as mulheres, celtas ou não, que durante séculos de repressão e invisibilidade conseguiram assegurar o seu espaço em tempos de globalização parece estar perdendo terreno pois o ser humano está sendo desvalorizado.

Os celtas que lutavam pela valorização da vida humana, seja ela feminina ou masculina, deixaram um legado que precisa ser estudado e constantemente reavaliado e a literatura é o grande documento para a realização desse trabalho.

**Tristão e Isolda** é uma narrativa com praticamente mil anos de existência e ainda desperta inquietações em estudiosos que procuram retirar os véus que encobrem a existência dessa civilização e revelar a importância da mulher para essa sociedade que mais do que a valorização feminina oferecia um cântico de valorização à vida.

## **Bibliografia**

BÉDIER, Joseph. **O romance de Tristão e Isolda**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BÉROUL. **Tristan et Yseut**. Édition de Daniel Poirion/ Préface de Christiane Marchello-Nizia Paris: Gallimarda, 1995.

FRANCE, Marie de. **Lais de Maria de França**. Tradução e introdução de Antonio L.

Furtado; Prefácio de Marina Colasanti. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva Barbada**. Ensaios de Mitologia Medieval. São Paulo:

Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Idade Média: nascimento do Ocidente**. São Paulo: Editora

Brasiliense, 1992, 4<sup>a</sup>. edição.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) **Tendências e Impasses**. O feminismo como

crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MARKALE, Jean. **La femme celte**. Mythe et sociologie Paris: Payot, 1976

RAMALHO, Christina (org.) **Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões**

**críticas**. Rio de Janeiro: Elo, 1999.